

---

## **PRESERVAÇÃO E FUTURO: O LEGADO ETNOGRÁFICO NA SALVAGUARDA DAS LÍNGUAS E CULTURAS INDÍGENAS - ENTREVISTA COM ARTIONKA CAPIBERIBE**

---

**Flávia Coimbra<sup>1</sup>**

<https://orcid.org/0009-0009-1151-5097>

<https://lattes.cnpq.br/1037904316070218>

**Artionka Capiberibe<sup>2</sup>**

<http://lattes.cnpq.br/5082852533809945>

<https://orcid.org/0000-0001-7031-2067>

Data da entrevista: 09/08/2024

Cidade: Macapá, Amapá

Esta entrevista foi realizada na manhã do dia 9 de agosto de 2024, na casa dos



pais de Artionka Capiberibe, em Macapá. Na conversa, percorremos suas quase três décadas de experiência na etnologia indígena. Artionka é bacharel em Ciências Sociais pela Unicamp e mestre em Antropologia Social pela mesma instituição. Obteve seu doutorado como parte do programa de pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) do Museu Nacional / Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com bolsa de um ano (2006-2007) na Universidade de Paris X - Nanterre, vinculada ao *Centre d'Enseignement et de Recherche en*

---

<sup>1</sup> Jornalista. Discente do Mestrado Profissional em Estudos de Cultura e Política da Universidade Federal do Amapá. E-mail: [flaviacoimbra@hotmail.com](mailto:flaviacoimbra@hotmail.com).

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Antropologia da Universidade Estadual de Campinas. E-mail: [artionka@unicamp.br](mailto:artionka@unicamp.br).

*Ethnologie Amérindienne* (EREA). Desde 2014, Artionka Capiberibe é professora no Departamento de Antropologia da Universidade Estadual de Campinas e da Pós-Graduação em Antropologia Social, na mesma instituição. Ela integra ainda o Conselho Científico do Centro de Pesquisa em Etnologia Indígena (CPEI). Entre janeiro e setembro de 2022, foi pesquisadora visitante no Departamento de Antropologia da Universidade da Califórnia, Berkeley. E, entre outubro e dezembro do mesmo ano, foi professora visitante no Departamento de Antropologia da Université Paris Ouest-Nanterre, estando vinculada ao *Laboratoire d'Ethnologie et de Sociologie Comparative-LESC*, UMR 7186 CNRS. Durante esse período, ela foi pesquisadora visitante em residência na *Maison Suger* (<<https://www.fmsch.fr/chercheurs/artionka-capiberibe>>).

Artionka é autora do livro *Batismo de Fogo: Os Palikur e o Cristianismo*, indicado ao Prêmio Jabuti de Literatura, em 2008, na categoria Melhor Livro de Ciências Humanas. Essa obra permanece até hoje como uma referência essencial para todas as pessoas que se dedicam aos estudos sobre os Palikur-Arukwayene, povo com o qual Artionka vem trabalhando desde 1996 e que vive no extremo norte do Brasil, no município de Oiapoque, Amapá. Suas pesquisas são pioneiras no conhecimento do cristianismo pentecostal entre os Palikur, mas vão muito além, abrangendo a análise territorial e social desse povo. O Acervo que Artionka reuniu ao longo de suas pesquisas entre os Palikur-Arukwayene integra os materiais de *legacy* do projeto “Qual(is) língua(s) você fala? Rumo a identificação e salvaguarda das línguas do Oiapoque”, coordenado pela linguista Elissandra Barros, da Universidade Federal do Amapá

Para a autora, as línguas indígenas são mais do que meios de comunicação: elas representam os mundos dos povos originários, suas formas de enxergar a vida e são um elo que conecta passado, presente e futuro. As pessoas indígenas, frequentemente alvo de tentativas de silenciamento, encontram no ato de existir — e de existir em suas línguas — uma das formas mais poderosas de resistência. Para grande parte da população brasileira, cuja língua sempre esteve presente nas mídias, nas escolas e nos espaços urbanos, a língua é apenas um elemento cotidiano. Para os

povos indígenas, entretanto, é uma expressão de resistência diante de toda a opressão que enfrentaram e continuam a enfrentar.

Nesta entrevista, Artionka discute o impacto da documentação etnográfica na preservação das línguas, culturas e memórias indígenas, além de abordar desafios e perspectivas do seu trabalho pioneiro na análise do cristianismo entre os Palikur. A conversa destaca também a importância da criação de acervos digitais para a salvaguarda do patrimônio imaterial indígena e o papel da antropologia na valorização das diferenças culturais.

*1) Toda trajetória tem que começar de algum lugar. Por que a escolha do curso de Ciências Sociais?*

**Artionka Capiberibe:** É interessante, porque eu estou agora escrevendo o memorial da minha livre docência, e temos que lembrar um pouco essas coisas. No último ano do ensino médio, fui para Campinas, para poder passar no vestibular, porque aqui em Macapá não tinha universidade. Tinha um núcleo da UFPA, não existia ainda a UNIFAP. Isso é 1988, no milênio passado, no século passado. Tinha esse núcleo com alguns cursos modulares, eu não sei dizer exatamente, mas, todo mundo que queria fazer ensino superior, tinha que sair do Amapá, e em geral as pessoas iam para Belém.

Como tinha um amigo dos meus pais em Campinas, e eles sabiam que a Unicamp era um lugar interessante, a gente foi para Campinas, eu e a minha irmã, que é um ano e meio mais nova que eu. Ela com quinze anos e eu com dezessete. Lá, tinha um professor de geografia que era muito bom, e lecionava muita geografia política. Porque, na verdade, meu interesse, tinha a ver com política. Então eu fiquei um pouco na dúvida sobre história, geografia, mas, na época, tinha uma figura nacional que é conhecida até hoje, que é o Betinho, o Herbert de Souza, que havia feito uma grande mobilização em apoio ao Movimento Sem Terra. Depois disso, ele foi o idealizador da campanha “Ação pela Cidadania Contra a Fome, a Miséria e pela Vida”. Mas o Betinho tinha uma coisa a mais, ele era amigo da minha mãe e do meu pai. Ele tinha passado pela minha casa algumas vezes, quando a gente vivia no exílio, no Canadá, e depois que voltamos para o Brasil, quando a gente viveu em Olinda, Pernambuco<sup>3</sup>.

Betinho era sociólogo. E associei, porque é assim que a gente faz as coisas quando não sabe direito o que quer, associei a sociologia com a possibilidade de ação

---

<sup>3</sup> Artionka é filha de João e Janete Capiberibe, que, nos anos 1960, foram membros a Ação Libertadora Nacional (ALN), um movimento de guerrilha que lutava contra o golpe militar de 1964. Por conta dessa militância, seu pai e sua mãe (grávida de 8 meses de Artionka) foram presos e tiveram de se exilar do país. A história da integração à ALN, de suas prisões e de parte do exílio de 9 anos vividos pela família está contada no livro *Florestas do meu exílio* (São Paulo: Terceiro Nome, 2013), escrito por João Capiberibe.

política no mundo. Eu queria fazer uma formação que potencializasse a minha capacidade de agir sobre o mundo, uma ação que ajudasse a combater as desigualdades sociais. Isso estava diretamente relacionado com a minha formação familiar. Foi assim que eu fui chegar nas Ciências Sociais. Na Unicamp, as Ciências Sociais têm: ciência política, sociologia e antropologia. Têm alguns lugares que essas áreas estão separadas. Eu entrei achando que queria fazer ciência política, mas não gostei, porque era muito longe da minha prática, da prática que eu via na minha casa, era muita teoria. A gente estudava, de cara, os clássicos, os contratualistas – a ciência política, hoje, até mudou a estratégia para não perder alunos (risos).

Ao mesmo tempo, teve uma outra área que começou a me atrair, que foi a antropologia, por ela estar ancorada em buscar conhecer e compreender o Outro. Por causa da questão da diferença, do olhar para outros povos e realidades sociais. Por ter morado em diferentes lugares<sup>4</sup> e ter vivido outra coisa que é um conceito da antropologia, o estranhamento, eu tinha uma experiência pessoal que também passava por isso. Nessa experiência do estranhamento você se vê como diferente e, a partir disso, passa a observar as diferenças em relação aos sujeitos com os quais você está se relacionando. Então a antropologia foi me atraindo.

*2) Ser do Amapá influenciou essa escolha pelo caminho da antropologia?*

**Artionka Capiberibe:** Eu acho que foi mais a história da minha família. O Amapá teve influência em outra coisa, mas explico depois. Quando eu chego na Universidade, já tinha vivido em quatro países diferentes, e tinha atravessado por três línguas diferentes. Então essa experiência, quando eu era criança, me marcou muito. Eu acho que ela foi decisiva para o meu interesse pela antropologia. E porque a antropologia era muito mais interessante. Quando eu comecei a estudar, as monografias, as grandes teses sobre povos indígenas no Brasil, isso me atraiu muito. Eu comecei a sentir que ali tinha algo que eu gostaria mesmo de seguir adiante.

**Flávia Coimbra:** *E como se dá essa aproximação com o povo Palikur?*

**Artionka Capiberibe:** Quando você vai para a etnologia indígena, tem esse desafio. Você está a fim de fazer um trabalho com um povo indígena, mas qual? Então, na época, eu estava começando uma monografia em etnologia e a minha orientadora falou: “O que te move? O que você gostaria de estudar? Onde você gostaria de estudar?”. E eu falei, “Quero ir para o Amapá, porque eu quero dar um retorno para o Amapá que sempre me deu muitas coisas”. Tenho uma formação cultural aqui, uma

---

<sup>4</sup> No exílio, Artionka viveu na Bolívia, no Chile, Canadá e Moçambique. Ela volta ao Brasil com 9 anos de idade e mora dois anos em Olinda (PE), dois anos em Macapá (AP), um ano em Cruzeiro do Sul (AC), três anos em Macapá e depois vai para Campinas (SP) estudar.

ligação com o povo daqui. Ela, então, abriu o mapa do Curt Nimuendajú, que foi um etnólogo autodidata, que morou em muitos povos indígenas pelo Brasil e fez esse mapa, que é um mapa incrível, cujos originais pegaram fogo no incêndio do Museu Nacional, em 2018. Uma tristeza. Mas ele foi publicado pelo IBGE<sup>5</sup>, e no mapa tem os povos e as famílias linguísticas as quais eles pertencem.

No Amapá, tinha, na região meridional, os Wajãpi, e no Norte, quatro povos: Os Galibi, que na época eram chamados de Galibi do Oiapoque e hoje são os Galibi-Kalinã; os Galibi-Marworno; os Palikur, que na época eram chamados só de Palikur, e hoje do lado brasileiro se chamam de Palikur-Arukwayene; e os Karipuna. Nos Wajãpi, era a Dominique que trabalhava lá mais intensamente. É um povo Tupi, e na época a minha orientadora falou “Aqui já tem uma pesquisadora há um tempo, você teria que trabalhar com ela, para trabalhar lá”. E no Norte, ela falou “Têm esses quatro povos aqui, o que tem de bibliografia?”. E eu fui fazer o exercício inicial que a gente faz, que é o balanço da bibliografia existente sobre o povo. Eu fui para sede do Instituto Socioambiental, que tinha uma biblioteca grande. Depois, fui para a inspetoria de fronteiras que ficava em Belém, para olhar os arquivos, os históricos sobre a atuação, sobretudo do SPI (Serviço de Proteção aos Índios), nessas regiões do Norte do Amapá.

Fui estudando, estudando e uma coisa me chamou muita atenção, de cara. Duas coisas, para ser mais exata. Uma, é que os Palikur eram um povo que tinha preservado sua língua própria, que é uma língua anterior ao contato com os não indígenas. E a outra, é que eles eram evangélicos. Evangélicos, no meio de povos indígenas que se assumiam como católicos. Eu falei: “Nossa, isso aqui é interessante”. E a pergunta do mestrado, que é o mestrado que vira o livro, era “Como é que um povo indígena se converte a uma religião cristã evangélica?”. Então foi assim. Os Palikur me chamaram atenção primeiro dessa forma.

Em 1994, eu fui com a minha mãe, em uma viagem para região do Oiapoque. A minha mãe é política, e tem uma ação muito forte com os povos indígenas. Era uma época que eu não sabia ainda o que ia fazer. Eu tinha acabado de me formar, e estava ainda Tateando, estudando, fazendo esses levantamentos, os balanços. E eu fui conhecer as aldeias Karipuna, que existiam na época na estrada BR 156 e fomos até o Manga, e eu adorei. Achei lindo! O lugar, a terra indígena, a casa histórica do finado Coco, a dona Delfina, que era a esposa dele mais antiga, a dona Xandoca, que era a outra esposa. Então tudo isso foi me encantando. Foi dessa forma que eu fui chegar nos Palikur.

---

<sup>5</sup> Mapa etno-histórico de Curt Nimuendaju / IBGE – edição fac-similar – Rio de Janeiro: IBGE [Brasília, DF]: Ministério da Educação, 2002, 94p.



Fonte: Registro feito em 1994 por Luciana Capiberibe, na Terra Indígena Uaçá.

3) *O livro **Batismo de fogo** é leitura obrigatória para todos que querem entender melhor sobre o povo Palikur; isso é um fato. Depois de 17 anos da publicação da primeira edição, como você avalia a sua contribuição? Não só com o livro, mas em toda a sua trajetória de pesquisa?*

**Artionka Capiberibe:** É interessante, porque quando você começa a fazer pesquisa, você não pensa que vai virar uma referência. Você está fazendo uma pesquisa, para fazer um mestrado. E o fato é que tinha pouca coisa escrita sobre os Palikur na época. Hoje tem bastante coisa. E muita coisa produzida por eles próprios, que são trabalhos acadêmicos, livros para crianças, muita coisa muito interessante. Então, eu não tinha a medida do impacto desse livro regionalmente. Localmente, em uma das minhas idas para campo, encontrei o finado Ivanildo Gomes, um professor Palikur, que passou no primeiro concurso que foi feito para professores indígenas na região. E ele falou assim: “Eu queria muito te agradecer pelo livro, porque eu pude estudar ele e passar no concurso”. O livro estava entre as leituras desse concurso. E eu falei para ele, brincando, mas sério, “Eu que agradeço, o livro só existe porque vocês me abriram as portas e me contaram as histórias, eu aprendi com vocês como vocês se casam, como vocês constituem família, como vocês fazem a economia de vocês aqui. E foi tudo porque vocês abriram isso para mim”. E ele falou: “Não, você não tá entendendo, eu

aprendi com você, por exemplo, que a minha língua é *Arawak*”. A coisa técnica, essa parte do conhecimento, que é um conhecimento mais técnico, vem da relação entre o que você aprende em campo com o que a bibliografia te informa. E fiquei feliz de ter ajudado, fiquei bem contente.

O livro foi surpreendente, porque a editora o colocou para concorrer ao prêmio Jabuti, que é um dos maiores prêmios do Brasil, e ele foi indicado entre os dez livros que eles selecionam. Isso também me surpreendeu, porque a verdade é que, quando eu comecei o curso de Ciências Sociais, queria uma formação para virar uma militante. Então me irritava ter que escrever, por exemplo. Eu falava: “Eu não entrei aqui para aprender a escrever, e o curso é pura leitura e escrita”. Era ingenuidade minha. Com o tempo eu fui entendendo o quanto as teorias que eu estudei eram importantes para pensar o mundo e reagir em cima desse mundo, no sentido da transformação. Lutei muito com isso no começo.

Quando escrevi o mestrado, foi uma surpresa para mim mesma. Foi uma surpresa escrever um livro, porque uma tese é um livro, uma dissertação é um livro. E eu fui gostando. A segunda surpresa (risos) é que eu comecei a gostar de escrever. Era muito louco porque é um desafio. Escrever, acho que deve ser, para mim, a parte mais desafiante. Hoje em dia eu escrevo toneladas, e gosto, mas é sempre um desafio, porque a escrita exige uma certa paciência, ela exige o que eu falo muito para os meus estudantes, orientandos e orientandas, que escrever é reescrever muito. Não ache que você vai se sentar na frente do computador e vai estar maravilhoso. Não vai. E eu aprendi isso. Eu fui escrevendo e reescrevendo, incorporando coisas, é um processo... Sei que você não perguntou isso, mas, acho que esse processo da produção acadêmica que envolve a escrita, é um processo muito denso. Lembro que, tanto no mestrado, quanto no doutorado, comecei a entender que não adiantava ficar me esgotando na frente do computador, que chega uma hora que o cérebro só patina, ele não resolve. Você precisa se afastar.

**Flávia Coimbra:** A gente fala sobre isso no jornalismo, de deixar o texto repousar.

**Artionka Capiberibe:** Exato. Mas é mais do que deixar o texto descansar. Você precisa descansar, o seu cérebro precisa descansar, precisa fazer alguma coisa. Hoje em dia existem técnicas, chamadas *Mindfulness*, que é esvaziar a mente para ela poder voltar a ser preenchida. Mas a gente faz isso naturalmente dormindo.

*4) Isso responde uma pergunta, se no começo dessa pesquisa, você tinha noção de quão grande ela ia ser?*

**Artionka Capiberibe:** Não tinha. Eu só tinha uma preocupação: será que eu consigo escrever uma dissertação? Era só essa a minha preocupação, eu estava focada ali porque não sabia se eu ia conseguir fazer uma tese. Se eu ia ter uma tese, porque, uma

tese, é uma ideia que você tem que desenvolver, demonstrar, tem que provar, tem que sustentar, em cima dos dados que você colheu em campo, e que você colheu na bibliografia, e discutir com a teoria. É muita coisa. As pessoas entram para fazer o mestrado e depois elas vão se surpreendendo, e isso aconteceu comigo, com o quanto isso é desafiador.

É por isso que depois de um doutorado, você vira doutor. Você vira doutor porque você realmente construiu uma tese, defendeu essa tese, e você merece esse título. Não merecer no sentido bobo de “Olha, eu fiz acontecer”. Não, é porque você atravessou todo um processo, para construir algo sólido, que contribua com a ciência, porque a gente está fazendo ciência. E no nosso caso, de linguistas, antropólogas, todo mundo que trabalha com povos indígenas, tem um lado, que é a contribuição para a população com a qual você trabalha. Não dá simplesmente para você ir lá, perturbar a ordem das aldeias e não dar nada em troca. Então por isso, quando o Ivanildo me falou do meu livro, eu fiquei muito feliz, pensando “Poxa vida, que bom”, porque é um tipo de contribuição que eu não esperava ter dado, mas dei.

*5) Durante a leitura do livro, é perceptível que o material coletado é muito extenso. Qual foi o maior desafio nessa coleta?*

**Artionka Capiberibe:** Coletar não é a coisa mais complicada, desde que você tenha os materiais. Na minha época, nessa outra época, outra Era praticamente, eu ia para campo com muitas fitas K7, para gravar entrevistas, muitos cadernos, caderninhos. No primeiro campo, levei várias cadernetinhas pequenas, porque levei uma pochete, e queria que coubesse na pochete. E as cadernetas iam acabando muito rápido e eu falei “Meu Deus! Que estratégia errada!”. A minha orientadora disse: “Olha, Artionka, leva bastante caderno e caneta”.

Era uma época em que era mais difícil de conseguir esses materiais em campo, hoje está muito mais fácil transitar. Continua sendo o mesmo caminho, mas tem muito mais gente saindo e chegando nas aldeias. O ano que eu cheguei lá para fazer o primeiro período de pesquisa de campo foi 1996. Fui junto com a Lux Vidal, que era minha coorientadora. A Lux era da USP, e eu fazia o mestrado na Unicamp. E na Unicamp, quem me orientava era o professor Robin Michel Wright, então tinha uma coorientação, e a Lux me trouxe para campo, e me levou até o Kumenê, que é onde eu faço a minha pesquisa de campo, desde 1996. Então eu levei muitas cadernetas e canetas. Lux me preveniu muito, ela dizia: “leva muita caneta porque o calor derrete! Pode vazar tinta. Leva muita fita K7 e rolos de fotografia”. Hoje em dia, você bate 200 fotos digitais e não acaba, pode esgotar um pouco a memória do teu aparelho, mas você vai lá, limpa e ajeita. Então foi isso, eu levava, e era caro. Bater foto não era



barato. Pelo filme, até que não era caro, mas revelar as fotos era, então todas as fotos tinham que ser muito bem pensadas. Não era assim, “Ah, vou tirar foto disso aqui”, e bater 200 fotos, não era assim não.

Então, nos primeiros campos foi assim. Eu levava as fitas, depois comecei a levar aquela fita pequena de 90 minutos para gravar com um gravadorzinho, que ajudava, agilizava, e depois eu comecei a levar tripé e câmera Hi8. Então, levava as Hi8 e fazia as gravações com essas fitas que hoje não tem nem onde rodar. Eu tenho que digitalizar esse material, que ainda não fiz, então tenho toneladas de fitas K7, de fitas Hi8, um monte de caderno de campo, que uma parte está digitalizado, outra não, e digitalizando é muito mais ágil, o processo.

*6) Entrando mais profundamente no assunto sobre as documentações e salvaguarda dos materiais de legado. No projeto “Qual(is) língua(s) você fala? Rumo a Identificação e Salvaguarda das Línguas Indígenas do Oiapoque” os seus materiais vão ser utilizados para compor a base de um acervo digital. Como você enxerga a relevância desse processo para a salvaguarda de línguas, culturas e memórias indígenas?*

**Artionka Capiberibe:** Eu penso muito sobre o trabalho do Nimuendaju, pois ele vai lá para o Baixo Rio Oiapoque, para as aldeias, em 1925, passa quatro meses entre os Palikur, e visita outros povos. Produz uma monografia e recolhe muito material, que hoje está em acervos na Europa. Aquela documentação que ele produziu, hoje, ajuda a compreender muita coisa do presente. E está tendo agora uma volta, uma recuperação desses materiais, inclusive por pesquisadoras indígenas. No ano passado (2023), três pesquisadoras indígenas<sup>6</sup> – jovens mulheres – foram para Gotemburgo, no Museu da Cultura Mundial, ajudar a catalogar os materiais que estão lá e que foram enviados em 1925, 1926, há um século praticamente.

Esse movimento do conhecimento, da produção de conhecimento, ele dá sentido à vida. Essa ida das meninas, e o retorno dos materiais, mesmo que seja um retorno digitalizado, em 3D, ele fomenta algo que precisa ser fomentado, que é essa constituição dos povos enquanto povos indígenas, do se manter diferente, de dizer: “Nós temos uma história, que é uma história valorosa, que não foi apagada pela colonização”. Eu acho que os acervos são fundamentais para isso. Não sei se vocês acompanharam o retorno do manto Tupinambá. Quem são os Tupinambá? São os povos que estão na costa do Brasil, esses do manto, que são povos que estão sob alta pressão fundiária e que tem terras pequenininhas, e que são sempre questionados. “Ah,

---

<sup>6</sup> As pesquisadoras mencionadas são: Keila Felício Iaparrá (Palikur-Arukwayene), Lenise Batista (Palikur-Arukwayene) e Geilany Batista (Karipuna).

mas por que vocês não falam uma língua indígena mais? Vocês só falam português?”, “Vocês vivem colados nas cidades”. E o manto, que é um patrimônio, ele é uma prova concreta do massacre que eles sofreram, dessa situação que eles vivem hoje, de não ser uma situação natural, mas sim uma situação forjada pela história de colonização do país.

Então, tudo que a gente produz para salvaguardar as línguas, as formas culturais dos povos indígenas, quilombolas, tudo isso contribui para que eles possam se manter com uma identidade indígena e quilombola. E se manter de uma maneira contemporânea, porque eles não precisam voltar a ser o que um dia foram, porque isso não existe, mas eles tem que ter o direito de dizer: “Olha, nós somos indígenas dessa forma aqui, nós falamos Kheuol, nós falamos Português, e não foi uma escolha. Isso nos foi imposto, mas agora é uma escolha nossa, falar Kheuol, mostrar que nós somos indígenas e temos nossos direitos, o direito à terra, a manter nossos costumes, tradições, do jeito que a gente entender que é melhor, porque nós temos direito à autodeterminação”. E para isso, os acervos, a coleta de informações, a história, as etnografias que são mantidas, elas contribuem também. Por isso que é importante.

*7) Nesse sentido de documentação, de acervo, qual conselho você daria hoje para a Artionka que começou esse estudo muitos anos atrás?*

**Artionka Capiberibe:** Em primeiro lugar, não usar cadernetinhas moles! (risos). No doutorado, levei uma pochete maior, cadernos de capa dura, que me ajudavam inclusive a escrever em pé, em qualquer situação. Eu acho que esse é um conselho que eu daria para mim. E fazer outro tipo de organização, montar mesmo um banco de dados. Hoje eu tenho uma parte organizada, mas depois que eu virei professora ficou mais difícil, são muitas atividades ao mesmo tempo, porque a gente dá aula, pesquisa, ocupa cargos administrativos, orienta estudantes, faz pareceres para revistas, agências de fomento etc.

Outra coisa que eu diria é para aproveitar muito o tempo do mestrado, o tempo do doutorado, porque você vai estar só para isso. Depois, quando você vira professora, você não tem mais tempo só para a sua pesquisa. O tempo para a tua pesquisa fica assim, de lado, você fica caçando tempo. Então, aproveita para organizar todo o teu banco de dados. Quando eu conheci a Elis<sup>7</sup>, ela tem uma sistemática de organização dos dados que é impressionante. Até recentemente, eu ficava folheando meus cadernos

---

<sup>7</sup> A Elis é a professora Elissandra Barros, docente do curso de Licenciatura Intercultural Indígena e do Mestrado Profissional em Estudos de Cultura e Política da Universidade Federal do Amapá e Coordenadora do projeto “Qual(is) língua(s) você fala? Rumo a identificação e salvaguarda das línguas do Oiapoque”. Esta entrevista é uma das ações do Projeto.

de campo. Hoje, não faz mais sentido. A gente está na era digital, totalmente. Em 1996, quando eu comecei, não era. Era analógico. Eu fui ter uma câmera digital no doutorado, em 2004. Era uma *camerazita*, sabe? Uma pequena que até voltou à moda, que eu vejo os jovencinhos usando. Porque essa era a primeira câmera acessível. Depois eu tive uma câmera digital mais potente, com possibilidade de abrir diafragma, de fazer um jogo de luz. Além disso, o caderno de campo, para nós antropólogas, é o instrumento fundamental, essencial! E depois, o tempo de organização, que não é um tempo perdido, é um tempo que você tem que dedicar.

O levantamento de parentesco que eu fiz, por exemplo, eu nunca consegui acabar. Tem coisas que vão ficando. A Lux, por exemplo, quando entra no Baixo Oiapoque, conhece o Seu Geraldo Lod, e fica encantada com a história dele. Ela fez um artigo sobre essa história, mas prometeu para ele um livro sobre a história dele. E ela estava lá coordenando uma equipe de pesquisa, com mil coisas, já era aposentada, então ela não dava aula, mas estava fazendo muita coisa. Ela publicou esse livro, eu acho que há uns três anos. O senhor Geraldo já falecido e tudo, mas ela sempre falava: “Meu Deus, eu preciso publicar esse livro, eu preciso publicar”. São coisas que vão ficando, que você poderia ter feito lá na época, mas foi atropelada pelo tempo.

*8) O seu trabalho é uma contribuição para romper com o desconhecimento em relação aos povos indígenas, em especial ao povo Palikur-Arukwayene. O que você define como a maior contribuição nesse aspecto?*

**Artionka Capiberibe:** Não sei. Quando eu comecei, de fato, não tinha quase nada. Tinha esse livro de 1983, que chama Amapá/Norte do Pará<sup>8</sup>, escrito pela antropóloga Dominique Gallois e pelo cineasta Vincent Carelli, que faz um mapa dos povos dessa região, da região do norte do Amapá e dos Wajãpi. Tinha isso de informação mais acurada em português. Mas, com o retorno do David Green, que é filho do casal de missionários que traduziu a bíblia para a língua Palikur, ele vem mais ou menos na mesma época que eu, acho que em 1998. Ele é casado com uma antropóloga e eles começam a desenvolver alguns projetos lá, junto com arqueólogos, como o Eduardo Neves, que é um arqueólogo bastante conhecido hoje, começam a produzir material sobre os Palikur e sobre a região. Então isso vai criando um adensamento no conhecimento. Então, não sei dizer, eu acho que tem essa coisa de quando eu fui indicada ao prêmio Jabuti, que o livro foi indicado, um dos motivos, foi que não se

---

<sup>8</sup> GALLOIS, Dominique Tilkin. *Povos indígenas no Brasil – 3 Amapá/Norte do Pará*. In. Ricardo, Carlos Alberto [coord.]. São Paulo: CEDI, 1983, 269 p.

falava com propriedade sobre os processos de conversão religiosa para o cristianismo de povos indígenas. Acho que essa é uma colaboração importante.

**Flávia Coimbra:** Eu ia comentar, que foi muita coragem, né?

**Artionka Capiberibe:** Talvez essa seja a palavra. Dentro da antropologia sobre povos indígenas, você tem os temas clássicos. Um deles é estudos de parentesco, estudos sobre mitos e cosmologia indígena, e hoje, estudos sobre ontologias. Esses são temas conhecidos como mais raiz. E os temas relacionados ao contato com os não indígenas eram menos considerados, eram vistos como temas colaterais. Muitas pesquisas realizadas entre povos que se autodeclaravam como crentes, evangélicos, olhavam para as questões do parentesco, dos mitos, da cosmologia quase sem mencionar que havia igrejas evangélicas entre esses povos. As pesquisas não falavam nada.

*9) É uma lacuna muito importante quando a gente vai entender como funcionam essas relações, é algo que tem que ser citado, correto?*

**Artionka Capiberibe:** Claro! É escamotear uma realidade social, que hoje está muito forte mesmo. Na época, estava ainda começando a ficar, com essa presença dos pastores, e tudo, era uma coisa ainda inicial. Os Palikur, por exemplo, eram considerados pelos missionários como um caso de sucesso. Então, quando eu comecei a apresentar minha pesquisa, mostrava como era a organização da igreja, como eles participavam, como a comunidade inteira participava na Igreja. Eu poderia estudar, por exemplo, só a produção de cerâmica, a produção de artefatos, e mencionar que eles haviam sido evangelizados no final dos anos 1960, 1970. Poderia colocar isso só em uma nota de rodapé. Quando eu ia apresentar isso nos congressos, os meus colegas, e sobretudo os professores e professoras mais velhos, falavam: “Não, mas você está falando que a conversão foi um sucesso?”. Era como se eu estivesse defendendo a conversão. Eu respondia: “estou expondo o que eu vejo e fazendo uma análise, uma reflexão sobre isso”. Só que eu era muito jovem. Quando fui para o Kumenê pela primeira vez, tinha 25, ainda nem tinha feito 26 anos. E logo depois, 97, 98, eu já começo a apresentar alguns *Papers* em congressos, e começo a ter essa reação negativa, muito pesada para uma menina. O que estava nas entrelinhas das questões que me eram direcionadas era: “você não deveria estudar isso”.

Principalmente estudando o tema da conversão no meio de um povo que mantém sua língua nativa. Isso, justamente, é o que demonstra como operam as missões. Porque as missões religiosas transculturais querem converter os povos indígenas, mudar a relação deles com o supracosmético, mas para isso não precisam

apagar a língua. É um processo muito diferente do que foi feito no século XVI, pela catequização católica, quando vêm os jesuítas e começam a catequizar os povos indígenas, eles vão investir muito fortemente na transformação sociocultural e linguística, porque eles querem transformar os indígenas em súditos da coroa portuguesa. Eles querem tirar o que constitui a pessoa indígena com a qual eles estão se relacionando. Os missionários evangélicos, eles não querem fazer isso, eles querem levar essa palavra, como eles falam, a palavra de Deus, transformando o campo das crenças, mas não a socialidade. Não o modo como eles se relacionam com a economia, como eles se casam. Tem até uma inflexão sobre o casamento, mas não é esse o ponto deles. Então foi difícil, por isso é um trabalho pioneiro.

10) *Como você entende a importância da língua para os Palikur?*

**Artionka Capiberibe:** A língua Palikur, ela dá um sentido de mundo muito amplo, e isso sempre me impressionou. É uma língua difícil de aprender, porque ela é uma língua que aglutina os sentidos nas palavras, então, os numerais variam os termos, ou seja, não tem um, dois, três, quatro, cinco. O “Dois”, ele pode ser falado de três maneiras diferentes, a depender daquilo a que ele se refere. Porque nas nossas palavras, no português, a gente indica gênero, número e grau, e eles indicam mais que isso. Por exemplo, eles indicam o formato da coisa, se é oval, redonda, eles indicam se é vivo ou se é morto. Então é uma língua que, de fato, é um desafio. É um desafio aprender o *Parikwaki*<sup>9</sup>. E, perder essa língua, é uma perda de mundo. Aquilo que você fala, como você fala, sua língua, ela é uma expressão de como você enxerga o mundo. E eles enxergam o mundo de uma maneira muito mais ampla do que a nossa língua permite enxergar ou expressar esse mundo.

Na língua *Parikwaki* está embutido um mundo, que é muito diferente do nosso. Um mundo com uma quantidade maior de formas do que o português expressa, um mundo mais detalhado, as palavras detalham a coisa a qual elas se dirigem. E ainda tem a coisa de que têm palavras que são muito semelhantes, mas que têm sentidos absolutamente diferentes. Eu sempre me perco, por exemplo, tem uma palavra que eu não sei pronunciar direito que significa roça, mas mudando a entonação significa laranja, a fruta. Então, você tem que estar muito imerso para entender as sutilidades. Mas ao mesmo tempo, isso diz muito do povo. E tem algumas coisas que eu fui pegando que me surpreenderam muito, como é uma língua que incorpora vários termos de outras línguas (do francês, pelo Kheuol, e do português), você consegue localizar, no tempo, quando aquela palavra surgiu, porque tem a ver com o contato.

---

<sup>9</sup> O nome da língua falado hoje pelos Palikur-Arukwayene é *parikwaki*, ela é uma das várias línguas que eles falavam no passado.

Um dia, eu estava em uma canoa, indo para a roça com a família de um dos meus amigos, de manhã bem cedo, estava tudo calmo, estávamos remando e passou um passarinho, pequenininho assim, marronzinho. Meu amigo me diz: “Olha, um muwveg”, e respondo: “Um muwveg? Como um padre?”, porque eles chamam padre de muwveg, e ele diz “Sim, como um padre”, e eu “Mas por que?”. E ele explica, porque ele abaixa a cabeça assim, e fez um movimento igual ao que um padre faz na missa. Mas esse termo é muito antigo, ele vem da época dos jesuítas, porque eles se vestiam de marrom. O passarinho tem a cor da indumentária dos jesuítas, a vestimenta deles como religiosos, e abaixam a cabeça no processo da missa. É possível dizer que é um termo incorporado ao *Parikwaki* a partir do século XVIII, quando os jesuítas chegaram na região. Essa é uma dedução minha, mas enfim, eu acho que um estudo sobre... porque a linguística não é a minha área, mas a história da língua, permitiria localizar muitas palavras. Um dos termos para açúcar, por exemplo, é *Suku*, que vem de *sucre*, que é do francês, passando pelo Kheul. Cebola é *zonyo*, que vem de *zonyo*, que passa pelo Kheul.

Tem línguas que traduzem tudo. Eu estava em uma banca, com um colega, que faz pesquisa com os Hupd’äh, povo indígena falante de língua *Hup*, que vive na região do Alto Rio Negro (AM), no noroeste Amazônico. Ele estava contando que os Hupd’äh traduzem absolutamente tudo. Então não tem isso que eu estou contando para vocês, *lekkol akivara*, que é um dos jeitos pelos quais eles chamam professora, juntando l’écôle, que é escola em francês, ou kheul, e *ikivarat*, que é chefe em *Parikwaki*, essas composições. No Hupd’äh, eles não fazem isso, eles traduzem tudo para a língua *Hup* e mudam. Então você vê, um tipo de pensamento e de relação com o mundo que é incrível. Muda de povo para povo. Então, eu espero sinceramente que eles aprendam o português, porque é o que eles estão querendo, que vão cada vez mais se escolarizando, indo para a Universidade, mas que eles não percam a língua, porque é realmente outro jeito de ver o mundo.

*11) A gente já falou sobre a sua aproximação com o povo Palikur, sobre a relevância desse trabalho, sobre como essa documentação é extensa. Fazendo agora uma leitura geral, em uma visão antropológica, existe algo que você ainda gostaria de desenvolver?*

**Artionka Capiberibe:** Muita coisa! Agora, estou junto com a Elis e a arqueóloga e professora da UFOPA, Lilian Rebellato, em um projeto grande que reúne energia solar fotovoltaica, produção de artefatos para o fomento da economia local, relacionado com

o conhecimento tradicional<sup>10</sup>. Estou muito feliz de estar nesse projeto, porque ele tem uma aplicação prática, que pode dar um retorno mais imediato. Uma das coisas que eu adoraria fazer, que vou tentando um pouquinho aqui e outro ali, mas que não tenho como fazer porque eu não sou milionária, mas queria muito, é ajudar a colocar energia solar em todas as casas das aldeias. Todo mundo lá usa energia elétrica, uma energia elétrica muito poluente, suja, que é a de motor gerador a óleo diesel. Quando o motor quebra um parafuso, eles ficam três meses sem energia. Quando você é acostumado a ter energia, você não consegue ficar sem, é sofrido.

Vocês lembram do apagão, no Amapá? Eu imagino o sofrimento, porque a nossa vida passa pela energia: para comunicar, para comer, para tudo. E lá também, cada vez mais, eles estão dependentes da energia, não é um povo que vive em isolamento voluntário no meio da floresta, só das suas próprias capacidades corporais. Não. Então, eu gostaria muito disso. Gostaria também de produzir academicamente com as e os pesquisadores Palikur, fazer pesquisas e escrever textos junto com elas e eles. Gostaria muito de retomar minha pesquisa de parentesco, porque os Palikur têm um sistema de parentesco, pensando em antropologia clássica mesmo, muito interessante. E gostaria de mexer no meu doutorado, de publicar, porque tem muita coisa lá que é diferente do mestrado. Todo mundo lê o mestrado, porque ele virou livro, mas no doutorado eu atravesso a fronteira e faço uma comparação entre os Palikur do lado brasileiro e os Palikur vivendo no lado francês que expande a pesquisa, inclusive, a ideia da relação com as religiões cristãs. Então tem um bocado de coisa que eu gostaria de fazer, umas coisas mais aplicadas para ajudar na vida, no dia a dia das minhas amigas e amigos Palikur. Isso realmente é uma coisa que me move muito. E o outro lado, é retomar algumas coisas que ficaram para trás, como eu contei a história da Lux com o livro do Seu Geraldo Lod. É isso.

*12) Diante dessa contribuição inegável para o registro da cultura Palikur-Arukwayene, qual mensagem você deixa sobre a importância da salvaguarda das línguas indígenas?*

**Artionka Capiberibe:** As línguas indígenas são a expressão do mundo indígena, da forma de pensar indígena, da forma de se relacionar com pessoas humanas e mais-que-humanas, com o universo. Assim, acho fundamental que isso se mantenha. Para a humanidade, é uma contribuição valorosa. E a humanidade é isso, ela é diversa. E essa diversidade tem que sobreviver a essa sanha do capitalismo. A gente roda, roda,

---

<sup>10</sup> A três coordenam o projeto “Energia limpa, vida sustentável: fomento à educação escolar, à transmissão de práticas tradicionais e à geração de renda entre os povos indígenas do Baixo Oiapoque e Mapuera-Trombetas-Nhamundá (Calha Norte)” financiado pela FAPEAP, FAPESP e FAPESPA.

roda e cai no capitalismo, porque é ele que vai massificar, que vai criar um sistema de alimentação baseado na monocultura. É ele que vai criar um sistema de comunicação de massa, que imprime um modelo de vida único. Isso é muito empobrecedor frente a esse mundo variado e rico que vem dos povos indígenas. Eu acho que é isso.